

ALUNO: WERNER SCHRÖR LEBER
C.I: 3R/1.244.905 – SSI-SC
RUA DOM PEDRO I, Nº 206, APARTAMENTO 304.

REPOSTAS ÀS QUESTÕES DO CURSO ANTROPOLOGIA SOCIAL E CULTURAL: A DIMENSÕES DO HOMEM

MÓDULO II :

ANTROPOLOGIA SOCIAL E CULTURAL: DESAFIOS DO HOMEM CONTEMPORÂNEO

CAPÍTULO I - ANTROPOLOGIA SOCIAL E CULTURAL: O MAL-ESTAR NA CULTURA CONTEMPORÂNEA E A CRISE NOS VALORES

(Autoatividade, p. 20, DO MÓDULO II).

1. Com base no tópico, comente os aspectos positivos e negativos que a técnica trouxe em sua vida.

RESPOSTA:

A técnica trouxe questões negativas e positivas à minha vida e à vida de todos. Não me é possível falar só de mim. O problema atinge a mim à medida que meu problema é de todos também (parece muito sartriano isso né?). Heidegger longamente se dedicou à técnica e sua relevância à humanidade atual. Para mim a técnica trouxe benefícios e confortos que têm um preço alto a pagar. Desde o Renascimento a questão técnica está visceralmente conectada com o capitalismo comercial emergente. Francis Bacon percebeu bem isso quando postulou a morte de Aristóteles e proclamou que conhecimento válido é tão somente aquele que interfere na natureza, aquele que modifica a natureza, aquele que produz mudanças substanciais, enfim, aquele que “serve” para alguma coisa. Saber, para Bacon, era bem mais que especular à Aristóteles e sim conhecer de modo “útil”, de modo empregatício. O conhecimento só é válido quando está a serviço de determinadas perspectivas, que para Bacon eram as perspectivas da ciência racionalizadora e transformadora da natureza. A técnica, o saber fazer, foi se alargando de tal modo que o ser humano se esqueceu que a natureza tem limites. Então, a técnica, inegavelmente traz benefícios como rapidez, conforto e permite realizar operações complexas em tempos muito reduzidos. Mas a crise ambiental nos traz inquietações. A humanidade, por conta da técnica, fez e desfez dos recursos naturais. Tenho a impressão de que chegamos ao fim de uma caminhada. Insistir nela é insistir na destruição do ser humano. Talvez estaremos só acelerando o nosso inevitável fim, descrito assim por Clode Levi-Strauss: “No início do mundo o homem não estava; e não estará também em seu final”.

2. Como você considera a questão da apatia social? Você entende que o homem contemporâneo realmente está alheio das questões de seu tempo? Desenvolva.

RESPOSTA

Prezados avaliadores, não sei o que vocês acharão de minha resposta a esta questão. Mas permitam-me sair do texto proposto e incorporar falas, frinhas, percepções e opiniões que tenho e que me acompanham há algum tempo. Equívocos tenho muitos;

e que não os têm? O ser humano está alheio e certamente por muitas razões. Não será possível adentrar às várias alternativas de resposta porque isso nos levaria escrever um tratado. Caminharei por um caminho que me parece viável.

A principal questão é o desencanto (Entzauberung) com o conhecimento, que Max Weber analisou ainda no início do século XX. Os filósofos ditos pós-modernos como Derrida, Lyortard, Vattimo chegam a falar em “fim das metanarrativas”. Aqui no Brasil o Manfredo Araújo de Oliveira tem escrito sobre isso. Seria o desencanto com aquilo que nos encantou no Iluminismo: a crença na razão. Vivemos o oposto: uma descrença na razão e na capacidade ética do ser humano.

O ser humano já pouco acredita em si. Parece até cumprir o desígnio da supra-história de Hegel: como se tivesse uma estrutura autônoma à história que nos movesse. Para ele, era o Geist (o espírito que agia). Mas Hegel era otimista; cria que o espírito representava essa grande marcha oculta que levaria o ser humano ao entendimento, ao conceito. Mas hoje a marcha oculta aí está, no entanto as pessoas parecem não crer mais que a história é tão somente o lugar de realização do ser humano. Parece que cumprimos as crenças de Hegel de modo avesso: sem consciência nem de si e menos ainda dos outros. Somos sonâmbulos cumprindo sabe-se lá o quê!! O que em Hegel surgia como algo otimista e positivo tornou-se uma indiferença hipócrita de quem pensa que tudo já está pré-determinado. Seria a preguiça e a covardia dos menores e dos que querem ser menores a vida toda, da qual Kant nos deu notícia em “Resposta à pergunta: o que é esclarecimento”?¹ Já não se importam se a história é resultado de fatores que engendramos ou não. Não sei se isso é só pela alienação produzida por uma sociedade de massa, como querem os marxistas Marcuse, Horkheimer, Benjamin, Adorno da Escola de Frankfurt. Não sei dizer se apenas a sociedade de consumo foi capaz de alienar dessa forma as pessoas. Para Marx, se formos por essa via, teremos de dizer que a ideologia do grande capital, enquanto representante apenas de um grupo que fala por todos (o Estado), é responsável pelo modo alheio como as pessoas se comportam. Hannah Arendt, essa judia maravilhosa, fez algumas interpretações dessa questão em livros como “O que é a política” e “Poder e crítica da tradição”.

Eu particularmente penso bem diferente. Estamos desencantados porque nos avaliamos erradamente. O homem perdeu o transcendente e se entregou à ciência de modo absoluto. Achou que era mais do que podia ser. Esqueceu-se do abismo existencial que há entre ele e o ser. É tão pobre e finito que precisa do ser. Trocou a metafísica de Aristóteles pela da ciência obtusa e operadora. Bacon, Locke, Nilton, Bruno, Galileu, por exemplo, salvaguardadas suas importantes contribuições, são também a casca de uma ferida que queremos e precisamos sarar. O homem da ciência confundiu sabedoria com conhecimento. Conhecer não é saber. Daí que a filosofia também foi expulsa da academia do saber. O que lhe cabe em meio às operações técnicas, pergunta o senso comum instituído com ares de superioridade? Um sábio é bem mais que um douto. Hoje sobram doutos, mas os sábios foram expulsos de nosso horizonte. É a voz dos sábios nos faz muita falta. E, assim percebo, é a mediocridade de nossas relações associadas à visão técnica não deixam a sabedoria falar. Toda filosofia é “amizade” (filos) com o “saber” (sofia). Mas é o que menos se faz hoje. E também as ciências humanas, como a psicologia, e as sociais, como a sociologia, vejam-se travestidas de um tecnicismo que não deixa a questão elementar do ser humano ser posta em relevo. Há sempre verdades prontas demais e visão crítica de menos. O homem acreditou que seu conhecimento o levaria ao conhecimento da totalidade; isso não aconteceu. O homem queria deixar de ser ingênuo e quis ser crítico. Pois tornou-se crítico a tal ponto de se desencantar de si mesmo. Tornou-se tão crítico do ponto de vista técnico que embriagou-se na nova verdade e fez dela um dogma triunfal. Estar

¹ Beanwortung der Frage: was ist Aufklärung?

alheio, assim penso eu, é estar convencido de que tudo já está resolvido. O homem atual é pouco curioso porque crê que tudo já esteja descoberto. Há um dogmatismo entre nós bem pior que o da velha tradição religiosa que misturava poder eclesiástico com poder civil. Santo Agostinho aqui sabia bem mais que nossos doutos lavrados à técnica e formados apenas por questões interesseiras: o muito saber destituído da razão na qual fomos criados só produz aborrecimentos inúteis. O homem se esrutinou tanto que se destruiu. Freud é um belo analista de várias de nossas feridas intelectuais. Merece respeito pelas tentativas e muitas delas ainda são muito válidas. O “mal-estar” que identificou na civilização ocidental é um grande exercício de hermenêutica. Mas infelizmente Freud já estava por demais comprometido com o ateísmo prático da onda intelectual em que se encontrava. Isso o impediu de ir mais longe como pensador social e o deixou muito próximo do pragmatismo científico em muitos aspectos. Em “O futuro de uma ilusão” chega a fazer uso dos pressupostos evolucionista de Darwin para explicar nossas mazelas e nossas frustrações. Pobreza!!! Nietzsche foi belo, mais imaginativo, mais sábio, mais corajoso, mais filósofo. Freud pode ser um belo terapeuta a nos dizer de onde vêm nossas feridas, mas também não sabe como curá-las porque as credita à natureza, age como um operador que pensa em termos de causa e efeito e quer substituir o mito pela observação. Quer dissecar o mito, separar suas partes e explica-las racionalmente. Como Bultmann queria fazer com a Bíblia, ou seja, expurgá-la de todos os mitos e lendas. Erro pelo qual ficaria marcado. A psicanálise, bela e ainda interessante, é fracassou em não assumir que só o mito, o sonho, a religião, a ontologia, o vazio e inalcançável preenche o ser humano. O homem “não pode ser resolvido”. Além disso, Freud é um preconceituoso e antirreligioso como quase todos os pensadores do século XIX e início do XX. Esse aspecto é o mais lamentável em Freud. Erro imperdoável. Marx e Feuerbach, vozes sempre fortes e muito ouvidas, têm também culpa no cartório. Avaliaram muito mal o sentido do religioso e do metafísico e intoxicaram a atmosfera intelectual daquele tempo. Freud e tantos outros beberam a água que havia. Só havia aquela; o que podiam fazer? O homem sem símbolos, sem fé, sem Deus está perdido. E pouco importa a crítica feita à noção “Deus” pelo ateísmo prático e infeliz de nossas redondezas, incluindo aí o velho Marx, de quem já fui um admirador. Marx, hoje, para é um “ex-amigo”. Freud começa no mito e mira a razão. Depois destrói o mito e afirma a tristeza da razão, mal formada porque estamos evoluindo. Vem da deformação de nossa natureza ainda não adaptada as crises existenciais. É o mal-estar civilizatório? Só pode mesmo ser o mal quando se destrói a única possibilidade que tornava o ser humano crente e menos arrogante. Sem algo representativo, que Tillich chama incondicional (Undbedingt) o homem não pode existir. Torna-se arrogante e pensa saber tudo porque já nada sabe. Existir é bem mais que saber. Existir para Tillich é encontrar a dimensão ontológica da razão e não se conformar a utilidade que a técnica trouxe. Vattimo nos dá algumas pistas. Chamo-o à fala e seus termos vão assim:

Minha intenção é, acima de tudo, mostrar como o pluralismo pós-moderno permite reencontrar a fé cristã. Se Deus morreu, ou seja, se a filosofia tomou consciência de não poder postular, com absoluta certeza, um fundamento definitivo, então, também não existe mais a “necessidade” de um ateísmo filosófico. Somente uma filosofia “absoluta” pode se sentir autorizada a negar a experiência religiosa. Todavia, talvez exista algo, ainda mais importante, a ser apreendido a partir de anúncio de Nietzsche quanto à morte de Deus. Deus morreu, escreveu Nietzsche, porque os seus fiéis o mataram; isto é, aprenderam a não mentir apenas porque ele assim os havia ordenado e, no final, descobriram que o próprio Deus era uma mentira supérflua. Sob a luz de nossa experiência pós-moderna, isto significa que justamente porque este Deus-fundamento último, que é a estrutura

metafísica do real, não é mais sustentável, torna-se possível uma crença em Deus. Certamente, porém, não o Deus da metafísica e da escolástica medieval que, de qualquer forma, não é o Deus da Bíblia, daquele livro que a própria metafísica moderna, racional e absoluta, aos poucos havia dissolvido e negado”²

A filosofia que temos praticado, aliado à prática científica são os grandes enganos que produzimos para nós mesmos. A falta de crítica se dá pela falta de perspectiva que criamos para nos. Nós não entendemos o que Nietzsche quis dizer com a “morte de Deus”. Há novas alternativas que se avizinham. Mas a perspectiva de Bacon, Maquiavel, Locke, Descartes e seus seguidores produziu uma embriaguez da qual não nos libertamos ainda. O homem atual está embriagado de certezas; precisa produzir mais dúvidas para poder voltar a viver. Sem razões, a razão não existe.

CAPÍTULO II – ANTROPOLOGIA SOCIAL E CULTURAL: QUESTÕES SOCIAIS CONTEMPORÂNEAS

(AUTOATIVIDADE, p. 28, DO MÓDULO II).

2. Ao longo de todo o tópico falamos do problema da pobreza e da exclusão. Na sua região existe esse problema? Se existe, de que forma ele se apresenta? Descreva.

RESPOSTA:

Em que lugar do Brasil não há exclusão? Aliás, em que lugar do mundo não há essa praga? Até em países nórdicos como Finlândia e Noruega encontraremos exclusões, mas nada que se compare àquelas vividas pela África, por vários países da Ásia e também por um grande número de brasileiros. Também a América Latina vive exclusões as mais sérias do mundo. Só a título de exemplo, a Colômbia, o México e o Brasil, não necessariamente nessa ordem, são os países que tem a maior taxa do mundo no que se refere à violência praticada contra jovens entre 17 e 25 anos. Eu falei, a mais alta taxa do mundo; isso é lamentável porque esses respectivos países não mais pobres que muitos países africanos e a grande maioria de países da Ásia próximos ao Vietnã e Índia, incluindo inclusive esses dois últimos. Brasil, Colômbia e México são os países que têm a mais alta taxa de assassinatos registrados contra pessoas jovens. É claro que o tráfico de drogas é a causa principal. Mas não só. Estudos mostram que as pessoas dessa faixa etária residentes nos países mencionados são também aqueles que sofrem o maior descaso por parte de autoridades no que diz respeito a itens fundamentais da cidadania, como acesso a escolas, habilitações profissionais e programas de empregabilidade.

Ora, muitas das vezes, nós, que habitamos o Estado de Santa Catarina, temos dificuldade em ver as exclusões sociais que nosso Estado também tem. Mas em outros Estados da Federação a exclusão é ainda mais acentuada. Penso, por exemplo, em Rondônia, na Capital Porto Velho. Conheço a cidade porque tenho uma irmã que mora lá desde os anos 80. Se eu comparar Joinville com Porto Velho, poderia dizer que em Joinville a exclusão é muito menor ou até inexistente, se guardadas determinadas proporções e grandezas. A renda que um pobre aufera aqui em Joinville é muito maior que aquela auferida por um pobre lá na capital de Rondônia. Mas essa relação é falsa.

² VATTIMO, Gianni. **Depois da cristandade**. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 12.

Em Santa Catarina, embora seja o Estado socialmente mais justo de toda União, ainda há muita injustiça e má distribuição de riquezas. E sei que no Nordeste brasileiro, a renda média e as pessoas completamente alheias à vida social brasileira é bem maior que em outras regiões do Brasil.

Na cidade em que vivo as coisas também são complicadas. Basta ir à periferia de Joinville para verificar que a mais rica cidade catarinense é também a mais pobre. Bairros como Morro do Meio, Espinheiros, Jardim Paraíso tem misérias e condições subumanas de vivência comparadas àquelas de favelas de nossos grandes centros. Por quê? Eis a falácia! Ter PiB elevado não é sinal de justiça social. Se assim fosse, a cidade de Macaé, no Estado do Rio de Janeiro, deveria ter a melhor qualidade de vida de todo país. Bem sabemos a situação social de Macaé. Há um problema sério nisso tudo. É que o capital não tem pátria, como dizia um antigo e famoso político brasileiro. Em Joinville, por exemplo, todo dinheiro da cidade está na mão de um número restrito de empresários. Tudo passa por eles. Conheço bem Blumenau e sei que lá as coisas também não são diferentes.

3. Sobre a sociedade de controle: As pessoas se dão conta que são controladas e programadas no dia-a-dia? Desenvolva.

RESPOSTA:

O texto, escrito para esse curso deixou de tratar de um autor capital quando o assunto é sociedade de controle. Me perdoem a ausadia e permitam que eu fale brevemente dele: Michel Foucault.

Por exemplo, naquele livrinho “Vigiar e Punir” Foucault fala da sociedade atual como aquela que incorporou antigas práticas de guerra, políticas exercidas em manicômios, práticas de tortura e vigilância de prisioneiros às práticas sociais. Assim, a escola, a família, a religião, seriam pequenos núcleos de uma poder intenso, exercido até inconscientemente (o estruturalismo tem essa coisa de estrutura ausente e inconsciente, o que sempre deu grandes discussões com os materialistas históricos) para vigiar e punir os outros. Práticas policiais teriam se infiltrado nas instituições sociais e estas, a partir dessa incorporação, exercem um poder de vigilância intensivo sobre a sociedade à medida que reproduzem aquelas práticas, porém de modo estrutural e inconsciente. A família, a religião, os hospitais, as escolas são instrumentos de controle, vigilância e punição. Michel Foucault compara a sociedade atual a um **Panóptico**: uma espécie de presídio com torre central de onde é possível avistar todos os cantos da construção. Qualquer sinal de desrespeito às normas de qualquer um dos prisioneiros, o vigia avisa outros que lá a postos estão, e assim o controle é exercido de forma implacável. As instituições sociais, assim, são responsáveis pelo controle de vigilância moral e política sobre toda população. O poder, diz Foucault, não está apenas nas classes econômicas, mas na forma que cada indivíduo recebe e lida com o poder. Isso despertou a ira dos marxistas, que pensam o poder em classes.

No mais é inegável que a vigilância por câmeras em todos os setores de nossas vidas é uma constante. Há quem fala que a privacidade acabou. As tecnologias disponíveis, se usadas de modo antiético, são capazes de saber o que fazemos em nossos momentos mais íntimos. A captura e execução de Osama Bin Laden recentemente se deu à custa de tecnologia de espionagem que consegue identificar perfeitamente uma pessoa a distância de 10.000 metros de altura. Nós na verdade não sabemos que instrumentos de espionagem existem. Felizmente ou infelizmente, a espionagem eletrônica é um produto da tecnologia de nossos tempos. Se pra bem ou pra mal é o que o tempo dirá. Eu confesso que não creio que todas essas câmeras espalhadas pela cidade, pelos Bancos, por escolas, por avenidas e praças possam melhorar a segurança das pessoas.

CAPÍTULO III – ANTROPOLOGIA SOCIAL E CULTURAL: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DO HOMEM BRASILEIRO (AUTOATIVIDADE, p. 38, DO MÓDULO II).

a) Considerando as diferenças sociais, políticas, culturais e históricas do homem brasileiro, você acredita que seja possível construirmos uma identidade nacional? Desenvolva

RESPOSTA:

Claro que sim. Aqui sou otimista. O Brasil será um país melhor daqui 20 anos, apesar da classe política e a sistemática da política que está na contramão dos anseios das perspectivas que se avizinham. Não podemos dizer que haverá uma identidade nacional daqui há 20 anos. Certamente isso levará ainda muitas décadas. Nossa geração e também a vindoura não verão essas coisas, mas é pouco provável que em mais 100 anos (haverá ainda pessoas daqui 100 anos?) o Brasil tenha uma configuração geopolítica muito diferente da atual. O Nordeste vai crescer em poder de compra; o Norte será desenvolvido e o Sudeste perderá poder político. O Brasil entrará em uma nova configuração de poder. Porém, não nos iludamos! Há problemas enormes a resolver, como a corrupção. Esse, talvez, seja o maior entrave político que o Brasil tenha, e que deve ser enfrentado um dia. Doerá para muitos, mas terá de ser enfrentado.

O Brasil já tem uma identidade nacional: a língua portuguesa. É incrível, mas a língua portuguesa está presente em todas as regiões do Brasil. Somos um fenômeno linguístico. Se observarmos que países gigantescos como Índia, China, Rússia isso não ocorre, fica mais evidente a nossa unidade linguística. Nem tudo aqui são problemas. Temos também virtudes, apesar do baixo nível cultural de nossa população. Outro aspecto é a criatividade. O povo brasileiro é altamente criativo e é reconhecido na música, nas artes e no esporte por isso. O nosso futebol e o nosso vôlei são vitoriosos pela capacidade de criação e de variação à qual o homem brasileiro se adapta rapidamente. Eis uma virtude que pode ser útil em outros setores. Outra questão é a solidariedade. O Brasil é um povo solidário e muito receptivo. Muitas coisas no Brasil deram certo por causa da solidariedade. Pena que os governos, via de regra, desconheçam essa nossa grande característica.

b) A partir da leitura do texto e dos pontos que entender que são mais relevantes, comente quais os principais desafios que o homem brasileiro enfrenta atualmente?

RESPOSTA:

O maior desafio está por vir: conviver com uma situação em que seremos o alvo da cobiça de muitos. Exetuando-se os problemas de corrupção e falta de investimentos em setores básicos, o Brasil tornou-se uma referência em combustível de vegetal (cana) e exploração de petróleo em águas profundas. Convenhamos, mesmo com tantos problemas, há avanços grandes. Avanços só do capital, dizem os rancorosos e grupelistas de uma esquerda tacanha e medíocre.³

³ Já fui da esquerda. Por anos fui filiado ao Partido dos Trabalhadores. Em Porto Alegre, onde vive 7 setes anos, convivi com Tarso Genro e Olívio Dutra. Na Faculdade de Teologia tínhamos um núcleo do Partido. Acreditei nessas propostas; hoje penso diferente. O mal do mundo não é só o capitalismo. Ele é um dos fatores, que associado a outros, produz nefastismo. Nada, porém, indica que se o mundo não fosse capitalista, o ser humano seria diferente do que é. Creditar as coisas só ao capitalismo é chavão de quem pouco conhece sobre a constituição ontológica do ser humano. O mundo nem sempre foi capitalista. No tempo de Platão não era; mas havia elites também. O Medievo, a rigor, não foi capitalista, mas as elites também existiam. Índia e China por muito tempo não foram, e nada indica que fossem socialmente mais justos antes.

Mas problemas sociais têm longa data e precisam ser enfrentados. Tomemos como referência essa passagem retirada da leitura:

Dada nossa história, nossa colonização, nossa existência, nossos governantes e nossas leis. Nem sempre o brasileiro foi respeitado. Direitos que são básicos ao ser humano foram garantidos. Por conta de uma mentalidade que sempre vê no outro não um ser humano, mas uma coisa, um objeto. Que pode ser comprado, vendido, consumido. Infelizmente, muitas vezes o homem brasileiro enxerga o outro como lucro, como coisa, como mercadoria. Nosso país amarga estatísticas de trabalho escravo, subemprego que são lastimáveis. Para algumas lideranças políticas, econômicas e empresariais nesse país, pessoas tornam-se objeto de consumo, propriedade absoluta.⁴

O Brasil foi o último país a abolir a escravidão. É lógico que o descaso com as pessoas de origem africana tem suas raízes aí. Durante o século XIX a teologia católica discutia se índios e negros tinham alma. Ora, vejam pois!!!! Ah, ta, também não vamos dizer que os protestantes foram melhores. O própria África, onde eles estiveram por muito tempo, as coisas foram parecidas com o que ocorreu no Brasil.

Uma estruturação desigual formata a nossa economia há séculos. É muito claro, portanto, que muito há por fazer. Sou a favor de cotas sim; podemos discutir se as atuais leis de cotas são justas, acertadas ou se precisam ser mudadas. Mas sem um reparo social nas injustiças históricas não há como avançar. O “como?” é o desafio. Mas terá de vir. Ontem, 01.07.2011, a Universidade Federal do Rio do Janeiro (UFRJ) anunciou que só utilizará o Enem para acessar às vagas de que dispõe. Convenhamos, o Enem, tão mal visto por proprietários de Cursos dedicados a Concursos, está dando uma chance à educação pública também. Por vários anos fui professor público.

A educação será a questão determinante. É preciso valorizar a educação pública e não fazer dela o simulacro hipócrita dos “coitadinhos”. Pobreza e analfabetismo nunca foi empecilho ao crescimento. Afinal, Suíça, USA, Japão e Coréia um dia também foram pobres e analfabetos. É preciso ver que o Brasil não é apenas uma “republiqueta de bananas dos trópicos”, como ironicamente de nós muitos falam. O Brasil é hoje a 8^a economia do Planeta, podendo chegar até a ser a 7^a, 6^a.... Não é um “paízinho” qualquer perdido em algum rincão da América do Sul. Somos o mais poderoso país da América depois dos Estados Unidos. Mas precisamos melhorar nosso IDH, que hoje ocupa a 75^a posição. Precisamos ter mais Universidades Públicas e Privadas que façam pesquisas relevantes ao cenário nacional e mundial. É sonhar demais? Pode ser, mas nossos jardins, antes de se materializarem, precisam nascer em nossa “alma”. “Quem não tem jardins por dentro, não pode plantar jardins por fora”, dizia meu ex-professor, o Rubem Alves. O ser humano só pode modificar o que conhece. E o acesso ao conhecimento é que precisa ser democratizado. O conhecimento, seja de que ordem for, é e deverá sempre ser de domínio público. Os currículos escolares precisam ser alicerçados sobre os conhecimentos que se produz e de como se lida político e economicamente com eles. Isso é fundamental. Só há como avançar se se conhece sobre o quê se avança. O resto é conversa mole.

CAPÍTULO IV – ANTROPOLOGIA SOCIAL E CULTURAL: O HOMEM SER PARA A REALIZAÇÃO (AUTOATIVIDADE, p. 45, DO MÓDULO II).

⁴ Página 33, Módulo II.

1. Ao longo do tópico, viemos descrevendo possibilidades e condições para a realização do homem contemporâneo. Escolha três dessas possibilidades apontadas ao longo dos tópicos e desenvolva comentando-as.

1^a) Conhecimento crítico: retomo o que disse acima: só será possível modificar o que se conhece. Conhecimento sempre deverá crítico de modo que a expressão “conhecimento crítico” é um pleonasm. Conhecimento que não for também crítico, poderá ser qualquer coisa menos conhecimento. Mas bem sei que vivemos sem conhecer. Também por isso temos poucas chances de entender e de intervir publicamente nas coisas que nos destroem.

2^a) Trabalho: o homem atual é vocacionado para o trabalho. Foi Weber quem o disse ao constatar que os protestantes perfaziam o ideal do burguês moderno à medida que viam no resultado do trabalho as bênçãos de Deus. Mas o que é trabalho e o que é escravidão? Em um aspecto concordo com Karl Marx: como o homem atual pode ser considerado livre se não tem outra opção a não ser vender sua força de trabalho? Ou então, trocar sua força de trabalho pelo alimento diário? O trabalho é natural no ser humano, conforme Marx. O ser humano sempre trabalharia, mas não do modo alienado como hoje o faz.

3^a) O espaço das cidades como problema público: O crescimento descontrolado, fomentado por interesses meramente predatórios de uma casta capitalizada, desorganizou as cidades e os espaços em que vivemos. Fala-se muito em tecnologia e isso e aquilo, mas é fundamental que os espaços de cada cidade sejam melhor planejados. O trânsito é hoje caótico em cidades pequenas, médias e grandes. Se pegarmos as três maiores cidades catarinenses, Joinville, Florianópolis e Blumenau respectivamente, veremos que elas têm problemas estruturais de trânsito. Isso já não era novidade nas grandes cidades; agora as médias e pequenas começam a tê-las também. Só se pensou na venda de carros, ou seja, em desafogar as produções das montadoras, mas esqueceu-se das pessoas. Esse discurso de menos automóveis nas ruas é uma falácia. Só no primeiro semestre deste ano a indústria automobilística do Brasil produziu um 1,7 milhões de carros. Até o final do ano serão mais de três milhões. Como resolver o trânsito? É hipócrita esse discurso. No mundo produz-se a cada ano cerca de 50 milhões de veículos, e que ganham as ruas.

2. Com base no texto: o que você entende por realização? Desenvolva.

RESPOSTA:

Vou fugir do texto base e entrar com uma outra questão. Realização é Kairós, um tempo significativo, carregado de sentido. Não é cronos, o tempo técnico. Sentido implica realização ou a realização que implica sentido? As duas são correlatas. Trata-se de uma situação em que as pessoas reconhecem seu próprio “eu” e sua relação profundamente ética com todas as demais pessoas e situações. De algum modo, o ser humano sempre soube de sua incompletude. Conhecer é buscar sentido. Perguntar-se pelo sentido e pela realização ocupou o ser humano desde as cavernas quando começou a representar suas alegrias e angústias por desenhos que fazia nas paredes destas. Destacarei um trecho que se encontra em Paul Tillich e que trata da relação “eu”, “outros” e da forma fenomenológica que as coisas surgem para o ser humano. Não é possível aprofundar as ideias de Tillich porque elas têm teores diferenciados dos temas deste curso. Mas escrevi uma dissertação de Mestrado em Filosofia na UFSC, de onde retiro algumas palavras e que considero acertadas à pergunta do curso. Vai assim:

Um eu não é uma coisa que pode existir ou não; é um fenômeno original que precede logicamente todas as questões da existência. [...] O ser humano é um eu completamente desenvolvido e tem um eu completamente centrado. Ele “possui” a si mesmo na forma de

autoconsciência. Ele tem um eu profundo. [...] Ser um eu significa estar separado de alguma maneira de tudo mais, ter a tudo mais adiante de si mesmo, ser capaz de olhá-lo e de agir sobre ele. Ao mesmo tempo, porém, este indivíduo está consciente de que pertence àquilo para o qual olha. O eu está “nele”. Todo eu tem um ambiente em que vive, e o eu profundo tem um mundo em que vive. [...] O ser humano deve estar completamente separado de seu mundo para poder olhá-lo como um mundo. Caso contrário, ele permaneceria simplesmente preso ao ambiente. A interdependência do eu profundo e do mundo é a estrutura ontológica básica. Ela implica todas as demais”.⁵

Lembro que o Max Scheler, naquele livrinho “A posição do homem no cosmos” escreve também próximo àquilo que Tillich diz acima. Lá em determinado trecho ele escreve sobre o animal e o ser humano e observa que um cachorro pode viver 10 em um jardim. Mas um cachorro jamais “terá” um jardim. Isso é a realização. Pessoas “têm jardins”; pessoas “têm mundos”. Daí que lugar é diferente de espaço.⁶ O mundo, as coisas, no ser humano, não são só objetos naturais, mas objetos por meio dos quais o ser humano toma reconhecimento da distância que há entre ele e o mundo. Realização é perceber como fez o poeta mexicano Otávio Paz: quanto mais me conheço tanto mais descubro que sou de outro mundo.

⁵ TILlich, Paul. **Teologia sistemática**. São Leopoldo, RS: Sinodal, p. 179-181.

⁶ Há muito que dizer. Só para não deixar no ar, remeto a importante análise feita por Vitor Westhelle em artigo denominado “Os *sinais dos lugares: as dimensões esquecidas*”. In: DREHER, Martin Norberto [editor]. **Peregrinação**: estudos em homenagem a Joachim Herbert Fischer pela passagem de seu 60º aniversário. São Leopoldo, RS, Sinodal, 1990, páginas 255 -268.